

RESENHA DE *NARRATIVES OF MISTRANSLATION, FICTIONAL
TRANSLATORS IN LATIN AMERICAN LITERATURE*, DE DENISE KRIPPER

REVIEW OF *NARRATIVES OF MISTRANSLATION, FICTIONAL
TRANSLATORS IN LATIN AMERICAN LITERATURE*, BY DENISE KRIPPER



Myllena Ribeiro LACERDA
Doutoranda
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3791822667304415>
<https://orcid.org/0000-0002-0092-3249>
myrlacerda@gmail.com

Resumo: Esta resenha apresenta o livro *Narratives of Mistranslation, Fictional Translators in Latin American Literature*, de Denise Krippler, publicado em 2023 na coleção Routledge Studies in Literary Translation. O estudo examina as influências da tradução, do texto e do processo na produção literária em países da América Latina. Por meio da análise de obras de ficção em que os autores também traduziam ou em que os personagens são tradutores, Krippler explora as dinâmicas envolvidas no processo de criação e recepção literária nos sistemas literários de língua espanhola nas chamadas “narrativas de tradutores”. Além disso, o livro discute a emergência da virada ficcional na literatura latino-americana, assim como abordagens pedagógicas em cursos de tradução que incluam narrativas de tradutores.

Palavras-chave: História da tradução. América Latina. Virada ficcional na literatura. Tradução Literária de Língua Espanhola.

Abstract: This review discusses the book *Narratives of Mistranslation, Fictional Translators in Latin American Literature* by Denise Krippler, published in 2023 in the Routledge Studies in Literary Translation collection. The study examines the influences of translation, text, and process on literary production in Latin American countries. Through the analysis of fictional works in which the authors themselves were translators or where the characters are translators, Krippler explores the dynamics involved in the process of literary production and reception in Spanish-language literary systems through “translator narratives”. Additionally, the book discusses the emergence of the fictional turn in Latin American literature, as well as pedagogical approaches in translation courses that includes translator narratives.

Key words: Translation History. Latin America. Fictional turn in literature. Spanish Literary Translation.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

O livro *Narratives of Mistranslation, Fictional Translators in Latin American Literature*, de Denise Kripper, publicado em 2023 na coleção Routledge Studies in Literary Translation, é uma fonte de reflexões teóricas sobre os Estudos da Tradução (ET) e uma pesquisa completa de obras literárias que discutem tradutores, tradução e o papel da literatura traduzida na formação dos sistemas literários nacionais.

Kripper é professora associada de espanhol na Lake Forest College, em Illinois, Estados Unidos, e atua como editora de tradução na revista *Latin American Literature Today*, dedicada a publicações sobre literatura de língua espanhola. É também tradutora e participante da Third Coast Translators Collective, uma comunidade internacional de tradutores literários.¹ Ao lado de Delfina Cabrera, pesquisadora na Universidade de Colônia, na Alemanha, organizou o livro *The Routledge Handbook of Latin American Literary Translation* (2023), e demonstra grande interesse em avançar os estudos de tradução literária na América Latina, especialmente no que toca a reflexão sobre o processo tradutório e o papel de tradutores.

Narratives of Mistranslation busca centrar as experiências de tradutores e intérpretes na América Latina por meio da discussão de obras de ficção, cujos autores ou personagens principais sejam tradutores ou estejam imersos em situações de multilinguismo. Para a autora, explorar as representações ficcionais dos tradutores é também observar as diferentes possibilidades que cercam a prática de tradução, as estratégias, as dificuldades profissionais e mesmo as influências culturais que um texto traduzido tem sobre um sistema literário. Kripper, portanto, descreve a relação entre a prática dos tradutores na América Latina e sua representação ficcional na literatura contemporânea por meio da análise de personagens que, frequentemente, enfrentam complexidades no processo de tradução em âmbitos intelectual, ético e financeiro.

Embora a figura do tradutor já tenha sido amplamente discutida por autores como Anthony Pym, Edith Grossman, Lawrence Venuti, entre outros, Kripper propõe uma outra abordagem: coloca em foco a importância e o processo tradutório como elementos de uma obra de ficção ao mesmo tempo que discute os desvios do material de partida, no intuito de, propositalmente, se afastar do que está sendo traduzido, de quem escreveu o texto e do que se pretende comunicar. Aqui, o foco é “o potencial produtivo dos erros de tradução [*the productive potential of mistranslation*]”² (Kripper, 2023, p. 2), e esses erros de tradução, enfocados desde o título, representam as tentativas deliberadas de imposição e manipulações dos originais, ora tão frágeis, ora tão poderosos, que dominam a indústria literária, as relações de poder e o capital simbólico e cultural.

Uma série de autores dos ET é apresentada com o objetivo de amparar as análises. De início, a autora relaciona sua pesquisa à virada cultural, movimento elaborado especialmente por Susan Bassnett (2002), André Lefevere (1992) e Lawrence Venuti (1995/2008), que serão citados ao longo de todo o livro. A virada cultural teve como foco principal “a relação entre tradução e cultura na produção, circulação e recepção da literatura [*the connection of translation and culture in the production, circulation, and reception of literature*]” (Kripper, 2023, p. 3), além de questionar a própria noção de fidelidade, equivalência e originalidade. É nesse momento dos ET que o olhar sai do texto traduzido e passa a repousar sobre a figura do tradutor com maior expressão. Segundo Pym (2000), essa mudança de perspectiva foi capaz de mudar os próprios referenciais da área e, como exemplificado por Kripper, profusos estudos realizados nas últimas décadas destacam a importância tanto do processo quanto dos agentes, apesar da ainda sobressalente invisibilidade que cobre os tradutores.

Nesse sentido, Venuti (1992, 1995/2008) se torna uma figura basilar para discutir a posição marginal do tradutor, e esse será um ponto dominante na pesquisa então desenvolvida. *Narratives of Mistranslation* parte da leitura e do comentário de livros sobre tradução e tradutores para recentralizar a visibilidade da tarefa do tradutor. Assim, é a partir da “virada ficcional dos Estudos da Tradução”, como elaborado por Else Ribeiro Pires Vieira (1995), que a autora estabelece uma teorização para a análise principal:

A “virada ficcional” considera as narrativas de tradução como uma fonte produtiva de investigação crítica que desafia e expande os domínios do conceito de “invisibilidade” de Venuti. As narrativas de tradução permitem uma melhor compreensão do processo de tradução por meio do estudo das condições de trabalho do tradutor, conforme representadas na literatura.³ (Kripper, 2023, p. 4)

Na esteira de trabalhos desenvolvidos por Delabastita e Grutman (2005), Kaindl e Spitzl (2014), Woodsworth (2018) e mesmo de pesquisas que lidam especificamente com o caso da América Latina, como Gentzler (2008) e Arrojo (2018), a autora examina exemplos de ficções latino-americanas com representações de intérpretes, tradutores literários, audiovisuais e comerciais, pesquisadores e editores de tradução; e demonstra como os “erros de tradução” se revelam, na verdade, uma posição de resistência e subversão assumida pelos profissionais em sua prática para fins ideológicos, culturais e históricos. É dessa forma que os tradutores ficcionais—e reais, já que muitos dos autores utilizam suas experiências pessoais na área—se

distanciam de uma pretensa invisibilidade e questionam as dinâmicas de poder, bem como a hegemonia linguística dos autores e seus “originais” em contextos econômicos, coloniais e de gênero. No mais, o livro explicita como essa prática se tornou um comportamento proeminente na América Latina e mostra como a literatura pode ser um ponto de reflexão e referência para os ET, tornando-se um local de visibilidade para a tradução e os tradutores.

Dividido em cinco seções, 1. Reading Fiction as Theory: The Potentialities of Mistranslations; 2. (Mis)Translation in Latin America: A Fictional History; 3. Publishing Fiction(s): The Market of Translation; 4. Silence Speaks Volumes: Gender Politics and Interpretation; e 5. In Search of an Original: Writing in Translation, o livro aborda representações ficcionais em narrativas de língua espanhola sob perspectivas que permitam a análise e discussão de temas caros aos ET.

4 São utilizados exemplos ficcionais e contextualizações do sistema literário de países da América Latina, como Argentina, Chile etc. para exemplificar as questões mencionadas em cada uma das seções. A primeira, por exemplo, expõe a tradução como elemento crucial da formação literária nesses lugares e, por meio de três contos escritos por Jorge Luis Borges, Rodolfo Walsh e Julio Cortázar—“Pierre Menard, autor del Quijote” (1939), “Nota al pie” (1967) e “Diario para un cuento” (1982), respectivamente—argumenta como os enredos sobre tradutores dão destaque à virada ficcional. Além disso, de forma similar às outras discussões apresentadas ao longo do livro, Kripper defende a tradução como espaço de criação e inovação, não apenas como uma forma de familiarização com literaturas e modelos estrangeiros mas também como uma forma de localizar essa periferia enquanto um espaço central que se expande e se define pelos próprios erros de tradução. Tal reflexão acompanha vários outros pesquisadores já indispensáveis ao pensamento da relação de troca cultural, simbólica e entre sistemas, como, entre outros, Pascale Casanova, Gisèle Sapiro, Johan Heilbron e o próprio Itamar Even-Zohar, mesmo que não sejam citados em *Narratives of Mistranslation*.

É dessa forma que o primeiro capítulo esboça uma certa teoria dos erros de tradução [*theory of (mis)translation*]: uma possibilidade de crítica de tradução que emprega a ficção na teorização e reflexão (Kripper, 2023, p. 16). Borges, Cortázar e Walsh destacam em seus trabalhos questões diretamente ligadas aos ET—a instabilidade do original, as compensações, perdas e ganhos do processo, uma reflexão sobre a profissionalização do tradutor no mercado editorial e os aspectos éticos da profissão—e propõem uma reformulação da tarefa do tradutor (Kripper, 2023, p. 27). Assim, os três contos questionam as dinâmicas de poder existentes entre tradução e texto-fonte, e tomam emprestado das experiências pessoais dos três autores

argentinos que também traduziam. Kripper ainda menciona Gentzler para definir essa categoria como uma “teoria da formação cultural de identidade” (Gentzler, 2008, p. 109)

O segundo capítulo, “(Mis)Translation in Latin America: A Fictional History” aborda uma perspectiva histórica da influência da literatura traduzida sobre obras e autores latino-americanos. O processo tradutório foi responsável, em grande medida, pela elaboração de identidades, representações e mesmo a construção de uma nova tradição que pôde mudar, de forma política e intelectual, o sistema literário de língua espanhola nesses países. Como exemplos principais, são citados o conto “Las dos orillas”, de Carlos Fuentes (1993), e os romances *El intérprete*, de Néstor Ponce (1998) e *El jardín de al lado*, de José Donoso (1981). As referidas obras demonstram o papel formativo da tradução, seu poder emancipatório e as práticas de resistências que advém de um processo subversivo que se opõe à dominação colonial. Nesse sentido, a prática de tradução serve como um modo de “reimaginar a história da região e sua produção cultural através das lentes diacrônicas da tradução”⁴ (Kripper, 2023, p. 34).

No primeiro texto, por exemplo, um frade espanhol e uma mulher indígena atuam como intérpretes para o colonizador espanhol. O relacionamento é, então, utilizado por Fuentes como uma possibilidade de reinterpretar e reescrever o passado colonial, expondo as consequências da dominação via linguagem e o poder (da colonização e da resistência) que os erros de tradução podem carregar. Em seguida, Kripper introduz o romance de Ponce, *El intérprete*, no qual um intérprete (francês–espanhol) está trabalhando para uma família abastada em Buenos Aires. O intérprete não nomeado é uma figura submissa, um tanto invisível. Se antes a discussão abordava erros de tradução como ferramentas de poder, agora se volta para a posição servil de quem traduz e a alta preocupação com fidelidade, questões de invisibilidade e o tornar-se outro, borrando as linhas entre o ser individual e autônomo e o ser que representa um “original”. A personagem é tomada pela linguagem dos estrangeiros, seus trejeitos, comportamentos, uma quase metamorfose que apaga sua própria identidade, pois a tradução subserviente é, também, transformadora. O romance *El jardín de al lado*, de Donoso, evidencia o papel da tradução como tema nas ficções produzidas durante o *boom* latino-americano justamente porque os autores do período tinham diversas experiências como tradutores e, em consequência, mediavam o processo autoral da obra ficcional. Donoso narra a história de Julio Méndez, um escritor chileno que trabalha como tradutor para sustentar a si e a sua mulher Gloria em Madrid. Para ele, a atividade atrapalha seu lado criativo e a escrita do seu romance, deixando a maior parte do trabalho à esposa. Igualmente, admite que a tradução é uma

ferramenta de reconhecimento—ser traduzido é ser validado: “Ser um autor traduzido denota poder sobre o aparato de publicação literária, enquanto um escritor que traduz parece ser apenas mais uma pequena engrenagem na máquina da produção literária”⁵ (Kripper, 2023, p. 42).

A complexa reflexão sobre autoria, tradução e a posição dos tradutores alcança novos níveis ao descobrirmos que, na verdade, é Gloria a verdadeira narradora e protagonista da história. Donoso encerra uma rica história dos limites de quem escreve e de quem traduz, o que é considerado autoral e criativo, e as complexidades da profissão que também legitima autores estrangeiros e tem seus profissionais desvalorizados.

O terceiro capítulo, “Publishing Fiction(s): The Market of Translation” examina narrativas envolvendo aspectos financeiros da atividade. Ao analisar *El traductor*, de Salvador Benesdra (1998), e *El testamento de O’Jaral*, de Marcelo Cohen (1995), Kripper detalha a atividade tradutória como um trabalho remunerado e a insere diretamente no eixo das dinâmicas de poder do mercado editorial e dos agentes responsáveis pelas publicações.

6 O romance de Benesdra, por exemplo, discute as dificuldades e as motivações econômicas que cercam a profissão do tradutor. O personagem principal, de forma muito semelhante ao autor, utiliza a ocupação como propulsora para adentrar o mercado editorial e, enfim, conseguir ser publicado. No entanto, enfrenta adversidades que incluem o tempo, a demanda e mesmo trabalhos defendendo ideologias com as quais não concorda e a responsabilidade de traduzir esse material. É assim que seus ideais e deveres entram em choque, evidenciando o contraste entre pretensões autorais e expectativas profissionais, bem como a própria precarização da profissão, já que pessoas menos qualificadas estão dispostas a fazer o que o personagem hesita. Nesse sentido, o romance de Benesdra utiliza os erros cometidos por tradutores inexperientes como um exemplo da fragilização e instabilidade das condições de trabalho resultantes dos “efeitos devastadores do neoliberalismo no mercado editorial argentino [*devastating effects of neoliberalism in the Argentine literary market*]” (Kripper, 2023, p. 54).

Uma temática similar aparece no romance de Cohen: um tradutor como personagem principal, preocupado com questões financeiras e ideológicas. Além da ambientação futurística e de uma Buenos Aires retratada como centro de disputa política (espelhando o cenário da Argentina nos anos 1990 e similar à representação da crise econômica no país no mesmo período elaborada por Benesdra), o romance revela a subversão da língua e como ela pode servir à resistência. O personagem principal traduz obras de autores como Charles Dickens, Blaise Pascal e do ficcional Richard Mulligany, embora modifique ou adeque a tradução

segundo a proposta revolucionária da editora para a qual trabalha. Tais deformações agem como uma ferramenta de subversão, que visam evidenciar a qualidade ambivalente desse texto-fonte e sua posição em um sistema dominante, enquanto o torna chamativo para o público e se impõe à língua de poder, em uma espécie de “insurgência linguística [*linguistic insurgence*]” (Kripper, 2023, p. 60). No romance de Cohen, portanto, os erros de tradução são concebidos e cuidadosamente dispostos no texto de modo a assinalar a agência do tradutor. Isso demonstra as possibilidades de criação e do exercício literário propiciadas pelo ato tradutório que surgem, também, em oposição ao poder e controle exercido pelo mercado sobre as traduções e a posição de soberania do original. Em ambos os textos, os erros de tradução servem para repensar as dinâmicas na indústria literária e suas implicações políticas. O que se traduz, como se traduz e o porquê das alterações em um texto são também parte de uma resistência contra tendências homogeneizadoras na língua e no meio editorial.

“Silence Speaks Volumes: Gender Politics and Interpretation”, o quarto capítulo de *Narratives of Mistranslation*, discute as relações entre gênero e tradução. Amplamente pautada nas discussões já desenvolvidas por Lori Chamberlain (2000) e Sherry Simon (1996), Kripper expõe a tradução como uma atividade, historicamente, ligada às mulheres e, por isso, vista de maneira inferior se comparada ao ato da escrita dita autoral e criativa. Tal ideia é exemplificada nas conotações patriarcais que circundam o próprio nome das Belas Infieis e na ideia de um feminino da tradução, subserviente e fiel, em oposição ao ideal masculino da escrita, repleto de criatividade e autoridade. No caso da América Latina e à luz dos Estudos Feministas da Tradução, são muitas as obras mencionadas que incluem tradutoras e mulheres intérpretes no cerne das narrativas, sublinhando a configuração do trabalho tradutório em vista do gênero. Ao fim, dois romances recebem destaque: *Ambactus: (servidor)*, de Nadia Volonté (2017), e *Inclúyanme afuera*, de María Sonia Cristoff (2013).

A intersecção entre interpretação e gênero no romance de Volonté aparece sobretudo na intérprete de uma embaixada de um país africano não nomeado em Buenos Aires que indaga o machismo, a xenofobia, o colonialismo e os preconceitos existentes na diplomacia e nas relações entre o nacional e o estrangeiro. As personagens, identificadas apenas pelas suas funções, também são indicadas, como no português, pela marcação nominal de gênero, ressaltando hierarquias de poder tanto pela posição institucional quanto pelas habilidades linguísticas—reconhecer e traduzir uma língua estrangeira também confere autoridade e status ao mesmo tempo que é preciso se submeter aos superiores e à posição assalariada. A tradutora, no entanto, faz a interpretação de forma bastante tendenciosa, influenciando até mesmo a

percepção do embaixador, e impõe suas próprias intervenções, estratégia alinhada à criação de prefácios e inclusão de notas como aquelas definidas por Von Flotow (1991).

Já o romance de Cristoff narra a história de uma intérprete simultânea, Mara, que muda de cidade e carreira em busca de silêncio e se torna segurança em um museu. O espaço permite reflexões sobre tradutores como mediadores de um conhecimento essencial, apesar de permanecerem em uma posição periférica. A personagem escreve ainda comentários sobre leituras, relacionando-as diretamente à sua posição de intérprete, sua nova profissão, aos limites do silêncio e à própria narrativa. Por fim, Mara é promovida e vira auxiliar de um taxidermista—aproximando a sobrevivência dos animais e a do texto, remetendo a Walter Benjamin. É apenas ao conhecer a esposa dele, uma artista que cria esculturas, que podemos observar o contraste entre criação e reprodução; uma mulher na posição de criadora; a manipulação criativa; e a subversão dos papéis. Logo, o capítulo questiona o papel do/a tradutor/a, visto tradicionalmente em uma posição de passividade, e coloca a pessoa que traduz em um patamar de empoderamento e de agência, visto que são elas quem dão acesso à literatura antes restrita aos limites da língua estrangeira. Somado a isso, a Teoria *Queer* da Tradução possibilita uma desestabilização dos modelos tradicionais de representação (Baer & Kaindl, 2018) e, considerando as duas narrativas apresentadas, vemos casos de intérpretes (mulheres) que repetem, mas não têm voz (ou não são ouvidas); os erros de tradução são também resistência à mediação e à omissão de informações que deveriam ser conspícuas.

Este é, sem dúvida, o capítulo mais amparado por referências teóricas do livro. Há uma desenvoltura maior ao abordar conceitos dos Estudos Feministas da Tradução e listar uma série de títulos possíveis para análise, mesmo que o foco se mantenha apenas sobre os romances de Volonté e Cristoff.

Enfim, o último capítulo “In Search of an Original: Writing in Translation” discorre sobre multilinguismo, pseudotraduções e autores que escrevem em vários idiomas ou que decidem escrever literatura em uma segunda ou terceira língua, bem como as diferentes camadas de um texto traduzido, com suas manipulações, adequações e inserções. Por meio dessa reflexão, autores e personagens tradutores propõem um questionamento da própria noção de original, já que o texto perpassa por uma língua diferente, seja em um ato interno de tradução antes do papel, seja nas diferentes possibilidades que se abrem frente à tradução em um movimento de nova criação pelo autor que também traduz, reduzindo as fronteiras entre original e tradução.

Os romances *2666*, de Roberto Bolaño (2004), e *El viajero del siglo*, de Andrés Neuman (2009), são exemplos das contribuições que uma tradução pode oferecer ao original. Ambos os casos apresentados neste capítulo são colocados como pseudotraduções e incluem personagens que falam línguas distintas no intuito de ressaltar as diferenças entre a língua da narrativa e a dos personagens. Essas estruturas contribuem para a discussão sobre a amplitude do discurso traduzido, as visões binárias que envolvem texto-fonte e texto-alvo, originalidade e fidelidade, e mesmo uma metatradução nos romances. Ao encontrar, por exemplo, marcadores estrangeiros no texto espanhol, cria-se uma ideia no leitor de estar lendo uma tradução, mesmo não sendo o caso no romance de Neuman. Ou quando Bolaño cria uma narrativa com menções a um multilinguismo dos personagens que não necessariamente aparece em *2666*, e que é sempre mediado pelo espanhol, a língua do texto.

Um último aspecto a ser destacado é que, ao fim de cada capítulo, a autora sugere questões relevantes sobre o assunto abordado que podem ser utilizadas em sala de aula com alunos de tradução e uma extensa lista de referências relacionadas aos romances e temas do capítulo. Além de estimular a reflexão crítica nos estudantes por meio dessas perguntas, há ainda diálogos ao longo do texto com outros autores dos ET, como George Steiner, Lori Chamberlain, Edwin Gentler, Susan Bassnett, Lawrence Venuti e Maria Tymoczko.

No entanto, apesar dos breves momentos em que outros autores dos ET aparecem, a referenciação teórica da área não é aprofundada. Há muito mais espaço alocado para se pensar o texto literário como espaço de reflexão e construção histórica—seja da identidade da América Latina, seja de seus sistemas literários e de literatura traduzida. O Capítulo 4, por exemplo, se destaca justamente por esse diálogo; nele, com amplo embasamento teórico e inúmeras referências literárias na parte inicial, a autora discute questões de gênero, metáforas da tradução com o feminino e o silenciamento das mulheres e de tradutoras e se ampara em dois livros de ficção para elaborar sua argumentação de forma mais completa. Nos outros capítulos, no entanto, Kripper foca estudos de caso, isto é, as ficções como meios de reflexão teórica sobre tradução e fazer tradutório, e aborda poucos teóricos, teóricas e definições amplamente utilizadas na área. A atenção, assim, se concentra sobretudo no que pode ser observado sobre tradução em obras literárias e o tipo de reverberação que a prática ficcional (e real, visto que tomam de forma intensa das experiências dos autores) tem em um certo discurso prático. Portanto, a ficção é, em si, a representação de uma práxis tradutória que conduz à elaboração teórica.

O livro pode interessar a professores, pesquisadores e estudantes de literatura latino-americana e história da tradução, mas também àqueles em busca de uma representação do poder da tradução como manipulação e mediação sociocultural. Nos romances e contos analisados, a pessoa tradutora subverte as dinâmicas autorais, editoriais e econômicas e abre espaço para pensarmos de que forma tradutores reais—e mesmo tradutores que traduzem os romances aqui exemplificados—se posicionam em relação a ideias de fidelidade, originalidade, autoria e comunicação, traçando uma conexão direta entre práxis e reflexões teóricas.

REFERÊNCIAS

Arrojo, R. (2018). *Fictional Translators. Rethinking Translation Through Literature*. Routledge.

Baer, B. J., & Kaindl, K. (Eds.). (2018). *Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism*. Routledge.

Chamberlain, L. (2000). Gender and the Metaphorics of Translation. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (1a ed., pp. 314–29). Routledge.

10 Delabastita, D., & Grutman, R. (Eds.). (2005). *Linguistica Antverpiensia: Vol. 4. Fictionalising Translation and Multilingualism*. <https://lans-tts.uantwerpen.be/index.php/LANS-TTS/issue/view/9>

Gentzler, E. (2008). *Translation and Identity in the Americas. New Directions in Translation Theory*. Routledge.

Kaindl, K., & Spitzl, K. (Eds.). (2014). *Transfiction. Research into the Realities of Translation Fiction*. John Benjamins Publishing Company.

Kripper, D. (2023). *Narratives of Mistranslation. Fictional Translators in Latin American Literature*. Routledge.

Lefevere, A. (1992). *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Routledge.

Pym, A. (2000). *Negotiating the Frontier. Translators and Intercultures in Hispanic History*. St. Jerome Publishing.

Simon, S. (1996). *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. Routledge.

Venuti, L. (2008) *The Translator's Invisibility. A History of Translation* (2nd ed.). Routledge. (Obra original publicada em 1995).

-
- Venuti, L. (Ed.). (1992). *Rethinking Translation. Discourse, Subjectivity, Ideology*. Routledge.
- Vieira, E. R. P. (1995). (In)visibilidades na tradução: Troca de olhares teóricos e ficcionais. *Com Textos*, 6, 50–68.
- von Flotow, L. (1991). Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 4(2), 6984.
- Woodsworth, J. (Ed.). (2018). *The Fictions of Translation*. John Benjamins Publishing Company.

¹ No site, o coletivo é descrito da seguinte forma: “The Third Coast Translators Collective (TCTC) is an international community of literary translators. Our members share resources, mentor one another, workshop projects in progress, facilitate pathways to publication, and foster a sense of belonging and excitement about the profession. We seek to build relationships with other literary and cultural organizations in Chicago and to become a valuable point of reference for international literature.” Disponível em: <https://tctranslatorscollective.org/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

² O termo “mistranslation” perde muito da sua estrutura morfológica na tradução em português. Em uma nota ao fim do livro, “Fe de Erratas”, Kripper comenta: “‘Mistakes’—hiding behind the prefix *mis* in translation—play a crucial role in this book. Yet the etymology of error, from the Latin *errare*, can illuminate alternative meanings” (p. 115). Dessa forma, traduzi *mistranslation* por “erros de tradução”, considerando, entre outras coisas, a etimologia latina mencionada pela autora.

³ No original: “The ‘fictional’ turn considers translation narratives as a productive source of critical inquiry that both challenges and expands the realms of Venuti’s concept of ‘invisibility.’ Translation narratives allow for an enhanced understanding of the translation process through the study of the conditions of the translator’s work, as represented in literature.” Todas as traduções do texto de Kripper são de minha autoria.

⁴ No original: “[...] reimagine the history of the region and its cultural production through the diachronic lens of translation.”

⁵ No original: “Being a translated author implies power over the literary publishing apparatus, whereas a translating writer seems to be but a small cog in the machine of literary production.”